

AGUIAR, Melânia Silva de; LOBO, Suely Maria de Paula e Silva (Org.). *Poesia, tradição e modernidade – interlocuções*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008).



A poesia em alta

É muito estimulante a leitura de *Poesia, Tradição e Modernidade – interlocuções* (Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008), obra coletiva organizada pelas professoras Melânia Silva de Aguiar e Suely Maria de Paula e Silva Lobo, da PUC Minas. Da apresentação das organizadoras, retiro: “As obras literárias, mais do que outros produtos históricos, estão programadas para se presentificarem indefinidamente a cada leitura.” (op. cit., p. 8).

Há muito venho sustentando que a obra nasce no instante da leitura. No momento anterior, não passa de potencial. No fundo da gaveta ou na prateleira da estante deixa de significar, pois se trata de mensagem muda. Algumas das obras trazem consigo os ecos da História, são portadoras dos ruídos da tradição, de que decorre certa demanda implícita. A vanguarda é que, a meu ver, instituindo-se como novidade, tentou estabelecer, para fins publicitários, a confusão entre novidade e qualidade. Ou o princípio consumista segundo o qual quantidade se equipara a qualidade. Nessa armadilha é que se precipitou a falange dos experimentalistas, com a sua estética da ruptura. Bem ou mal acontecida. A ruptura, conclui-se, somente se perpetua na medida em que sucede as formas cansadas, repetitivas, destituídas de vigor criativo. O Renascimento, para exemplificar, injetou novidade na tradição, no próprio ato de imitar. Camões, na linha da imitação, se torna autor de uma expressão nova.

Daí, na coletânea, a insistência na importância dos tradutores que acrescentam crítica e invenção ao texto trasladado ao idioma de destino. Daí, o privilégio do diálogo da poesia com matrizes diversas e os cruzamentos intersemióticos de poesia, música e pintura. E as interlocuções processadas entre tempos e espaços distanciados.

O primeiro estudo da coletânea *Poesia, Tradição e Modernidade*, intitulado “O poema ‘Sainte’ de Mallarmé: tradução, crítica e invenção”, é de uma das organizadoras, Melânia Silva de Aguiar. Sob todos os aspectos é exemplar. Há muito não leio em nossas publicações um estudo tão abundante de informações quanto esse. O poema de Mallarmé, transcrito, fora traduzido por Dora

Ferreira da Silva (mais “literal”) e Augusto de Campos (mais “transcriativo”), cujas traduções integram o artigo e a análise. De tudo nasce novo conceito de hermenêutica. É que, por sobre a leitura do original, dá-se a iluminação do poema graças ao desvelamento das circunstâncias que gravitam em torno do núcleo conteudístico da composição. Forma e conteúdo se unem para elevar o grau de receptividade do poema, desde que ao leitor se forneçam dados empíricos de feitura do texto literário. No caso de “Sainte”, Melânia Silva de Aguiar promove análise histórica e musical do poema, com raro poder de elucidação. E acrescenta observações preciosas sobre a leitura de Fernando Pessoa, que sublinhou o verso “musicienne du silence” para designar o próprio Mallarmé. Fica demonstrado o valor da informação documentária acerca do poema.

A outra organizadora da coleção *Poesia, tradição e modernidade*, Suely Maria de Paula e Silva Lobo, assina, juntamente com Felipe José Dias Bicalho, o estudo “Murilo Mendes e Walt Whitman: aproximações”. O estuário dos poetas é localizado no “Transcendentalismo”, corrente de pensamento advindo de Kant, oposto ao “Sensualismo” de Locke. Whitman deu asas à liberdade, ao verso livre e à expansão do indivíduo na sua manifestação de vitalidade natural e de confraternização com os outros. Quanto a Murilo Mendes, herdeiro, a nosso ver, da visão barroca, tocada pela versão suprarreal e pelo sentimento de ampla negação do fascismo, deitou nos seus versos enfáticos certa camada espiritual contígua ao Transcendentalismo.

Suely Maria de Paula e Silva Lobo ainda explora a relação da pintura de Gainsborough com o poema que lhe fora dedicado por José Alberto Gueiros. O poeta, como informa a ensaísta, cuidou de celebrar outras imagens plásticas em composições como “Giz na parede” e “Desejo de Afrodite”, constantes da obra *Sabor de Loucura* (2001). Seu trabalho intitula-se “O poema e a tela: espaços do encontro (im)possível”.

Também Melânia Silva de Aguiar, em colaboração com Felipe Falcão Jorge Corrêa, retorna com um estudo importante: “Apollinaire e a poesia visual”. Os autores explicam os albores da modernidade, deixando de lado

o fenômeno cultural de a violência contemporânea ter-se tornado mais urbana que rural, mais da indústria e dos serviços que da agricultura. A variedade de relações no curto espaço urbano multiplicou o número de papéis e de máscaras do indivíduo, do *flâneur* baudelairiano. O antigo se apoiava no passado, na herança poética e retórica, nos exemplos. Já o moderno respira o presente, inspira-se nas breves flores do mal, enquanto articula o futuro e gera a intencionalidade. O moderno, portanto, padece da carência do espaço, da angústia e transfigura o tempo em duas unidades: o instante (clarão fugaz) e o eterno, sem mediania intervalada. Daí a sociedade do espetáculo, a fama dos quinze minutos, conatural à aspiração da imortalidade.

Quanto à poesia visual e à semiótica, os autores do estudo realizam clara síntese das categorias, sem, no entanto, explorar o eixo, já consagrado, dos signos motivados e dos signos arbitrários, nos quais se recolhem os fenômenos de analogia e de representação estocástica, aleatória ou, mesmo, conjectural. Há uma longa dimensão para as alegorias e seu apelo visual. Observem-se, por exemplo, as igrejas medievais, que encerram grande quantidade de alegorias, cujos sentidos eram explicados (interpretados) pelos sacerdotes-oradores, que, no comum, se dirigiam a um público majoritariamente analfabeto. A oralidade obviamente antecede a escrita. No caso da poesia concreta, ela não passa de metadiscursividade. A estrutura do poema quer ser o próprio poema. Trata-se, pois, de um artefato matalinguístico no geral para uso de iniciantes.

Será enfadonho expor ou comentar cada capítulo de *Poesia, tradição e modernidade*. Refiro-me, ainda, entretanto, a alguns estudos. Por exemplo: “Augusto dos Anjos e o silêncio prolixo do *Eu*”, de Luiz Cláudio Luciano França Gonçalves. De escrita fluente, o autor procura estudar o período de transição das escolas literárias para o Modernismo. E aponta, na áspera concepção poética de Augusto dos Anjos, poeta-símbolo, um viés de apologia da vida, otimista, contrária à conceituação mais patente, de poeta da podridão e da morte. Luiz Cláudio estuda bem o fator estranhamento na prática de Augusto dos Anjos. Eu diria que nos diferentes módulos de realização da poética de Augusto dos Anjos se esconde forte camada de rebeldia e protesto. Penso que seria muito rica a análise estilística do poeta paraibano, missão para a qual o estudioso Luiz Cláudio se revela bem credenciado. O estilo explosivo, retumbante, do poeta se apoia em recursos originais de sua retórica. Seria o caso de proceder ao estudo das invariantes assinaláveis das composições, suas rimas surpreendentes, seu estrato fônico tão eloquente, exótico e, é de pasmar!, tão popular. A criação e a recepção têm segredos ainda não inteiramente desvelados. Seria interessante que alguém analisasse o grotesco das metáforas, o cortejo da adjetivação qualitativa, a emprestar ruído e fúria à expressão.

Gostaríamos de falar do trabalho de Luiz Henrique Barbosa, que no capítulo “Renato Russo, Arnaldo Antunes e Paulo Leminski: entre a poesia e a canção” volta ao delicado tema da letra para música (popular ou erudita). O autor fala das cantigas medievais, cujo elemento performático se perdeu. E aborda os poemas dos letristas contemporâneos, desassociados do embasamento melódico. Tal é o conhecimento demonstrado pelo analista que gostaríamos que tomasse como tema o caso de Domingos Caldas Barbosa, que introduziu a modinha brasileira na corte portuguesa. Poeta e cancionista popular, despertou a ira dos opositores e tornou-se vítima do preconceito racial. Bocage o estigmatizou. Da *Viola de Lereño* não temos o canto.

Mais um capítulo de *Poesia, tradição e modernidade* chamou-me a atenção pelo número de questões levantadas. Trata-se de “A lira amorosa de Antonio Cícero”, de Fábio Figueiredo Camargo. O autor, secundado pelas citações de Ítalo Moriconi, que cuidou da volta do sublime na poesia brasileira, verbera o coloquial desleixado que tomou a última geração de poetastros. Acode a Fábio Figueiredo Camargo apontar, em Antonio Cícero, a tendência para os poemas reflexivos, impregnados da mitologia greco-romana, mas concernentes também ao universo pop. Na sua produção, o ensaísta incide na faceta lírica, de estrato homoerótico, sem prestar tributo, no entanto, à dicção banalizada.

O percurso de toda a obra organizada por Melânia Silva de Aguiar e Suely Maria de Paula e Silva Lobo é longo. Não cabe inteiro no registro informativo que estamos a fazer. Há, por exemplo, “Alegria nômade: ambivalências e algaravias na poesia de Waly Salomão”, por Flávio Boaventura; “Figurações da morte em Alphonsus de Guimaraens e Edgar Allan Poe”, por Ângela Maria Salgueiro Marques; “Rilke, Poeta superlativo, e os modernos: uma introdução”, por Lauro Meller; “O espaço dos mortos em Dante, Valéry e Cabral”, por Nancy Maria Mendes; “Honório Armond e a poesia francesa: ecos e intertextos”, por Eliana Scotti Muzzi; “A expansão do olhar cosmopolita em Murilo Mendes”, por Daniela Moraes Neves; “Os simbolistas mineiros e o mal de arquivo”, por Luiz Antônio Paganini; “Modelo de intelectual: Sartre e a revista *Tendência*”, por Nilze Paganini; e, finalmente, “Fotografias de Minas de Osvaldo André de Mello”, por Alba Valéria Niza Silva. Trabalhos desiguais, mas propósitos análogos: não deixar que as cinzas do esquecimento cubram as manifestações supremas da poesia e o engenho dos intérpretes. Sob esse ponto, a coletânea é inigualável. Mostra a Universidade como memória ativa da Literatura, sede do saber reativado.

FÁBIO LUCAS

Recebido: 09 de agosto de 2010
Aprovado: 12 de setembro de 2010
Contato: fabiolucas@ipso.org.br